



**NOTA DE PESQUISA:
SOBRE O RESGATE E A DIFUSÃO DA CULTURA AFRICANA**

VALTER DUARTE,
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO (UERJ)

RESUMO: A presente nota de pesquisa foi elaborada com a finalidade de apresentar primeiras indagações referentes a uma pesquisa de doutoramento em filosofia, das quais constituir-se-á artigos científicos e traduções.

PALAVRAS-CHAVE: Nota de Pesquisa. Filosofia Antiga. Kemet.

ABSTRACT: The following reseaching note was made to presente some early inquiries referring to a *Phd.* Degree investigation, from which cientific papers and translations wil be composed.

KEYWORDS: Research Note. Ancient Philosophy. Kemet

NOTA DE PESQUISA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001/This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

A presente nota de pesquisa visa tornar público o estabelecimento de uma pesquisa acadêmica filosófica empreendida por um grupo de pesquisadores afrodescendentes cuja pretensão é produzir trabalhos que contribuam para o desenvolvimento da comunidade humana em nosso contexto atual. Com essa finalidade enquanto eixo, o Grupo de Estudos Interdisciplinar Afrocentrado fora formado. O mesmo é constituído por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, Shirley Duarte (UFS), doutoranda em física, com pesquisa na área de Física da Matéria Condensada; Bianca Silva (UFF), mestranda em filosofia, que empreende sua investigação por meio da filosofia da arte; Valter Duarte (UERJ), doutorando em filosofia, cuja investigação é feita através da filosofia Antiga e da lógica; Moacir Ribeiro (UFS), mestre em filosofia, cuja investigação é feita através da filosofia da educação.

Diante do fato de que a educação brasileira toma como fundamento a história particular da Europa e sua perspectiva cultural como expressão de toda experiência humana, nossa proposta é a de, em cada uma de nossas potencialidades, lançarmo-nos numa investigação em busca de respostas possíveis e cuidadosamente fundamentadas aos questionamentos importantes que nos atravessam enquanto seres humanos e, em particular, como pesquisadoras e pesquisadores a partir desse fato. E com os resultados dessa pesquisa pretendemos contribuir com a difusão das produções dos povos indígenas africanos entre as comunidades acadêmicas e não acadêmicas, dando uma atenção especial aos novos e às novas pesquisadoras, cujas gerações anteriores não tiveram acesso a uma opção disponível que dissesse respeito às suas realidades (as dos povos indígenas africanos, americanos e orientais, por exemplo) a partir de uma perspectiva centrada no local psicológico de suas pesquisadoras e pesquisadores, não mais deslocados de seu centro.

Em meu atual trabalho de investigação, uma tese filosófica direcionada à importância das construções do pensamento do escriba Ptah-Hotep (2400 a. E. C) para a realidade atual do brasileiro afro-descendente, deparei-me com um problema fundamental: as noções Ocidentais de “humanidade” e de “objetividade” têm justificado a omissão das produções

filosófico-culturais dos povos não-europeus e de sua importância na história da humanidade. A estranheza comum ao ouvirmos mencionar os nomes desses filósofos, Ptah-Hotep e Amenemope, por exemplo, surge-nos como sintoma evidente desse processo de marginalização e desumanização da imagem dos povos não europeus. Enquanto descendente dos povos Yorubá, essa questão é existencial. E permanece cara em minhas investigações. O que me conduziu a raciocinar da seguinte maneira: Sendo a filosofia regente da investigação humana direcionada às questões fundamentais da sua existência e, sendo a omissão da produção filosófica e cultural dos povos africanos, de sua figuração entre os povos participantes da *História Universal* até hoje uma realidade incontestável, facilmente verificável, parece-me razoável contribuir com o resgate cultural empreendido pelos filósofos africanos do século XX, que se dispuseram a resgatar a história do povo africano a partir de suas próprias narrativas e dentro de seus próprios contextos para reabilitar aquelas e aqueles descendentes de africanas e africanos cuja universalização da experiência europeia os relegou a uma experiência de sua própria história a partir de um local cultural e psicológico que não lhe constitui existencialmente.

Essa pesquisa, que está me permitindo reunir as obras fundamentais desses povos, a partir do método estabelecido pelo filósofo africano, Molefi Kete Asante, a *Afrocentricidade*, que busca a conscientização dos descendentes de africanos e demais acerca da agência dos povos africanos na história humana, por meio do qual a pessoa africana e africana da diáspora pode ser reinserida no contexto de suas referências culturais, permitindo-lhe identificar-se com outras perspectivas culturais social e culturalmente e, ao mesmo tempo, atuar como agente de sua própria história. O empreendimento dessa pesquisa não tem sido feito somente a partir das tradicionais investigações textuais, a partir de produções elaboradas dentro e fora da egiptologia, entrando em contato com obras primárias, disponíveis em inglês, francês, grego, alemão e na língua original, o *md ntr*. A pesquisa também está sendo feita a partir de diálogos e discussões particulares entre meus pares acerca da necessidade da efetivação de uma educação multiculturalista por meio da publicação de artigos e apresentação dos trabalhos desenvolvidos por autores das mais diversas origens.

Buscando contribuir com a desmarginalização e a reumanização da imagem dos povos que foram outrora ocultos e tiveram o acesso às suas produções restrito pela insanidade de alguns povos do passado— restrição essa perpetuada tanto por nós brasileiros quanto pelos povos estrangeiros através do hábito—, tomarei algumas precauções:

É preciso que essa produção permita o diálogo intercultural e não hierarquizante entre as culturas humanas. Nesse contexto, a afrocentricidade, segundo o filósofo Molefi Asante, apresenta-se como um paradigma de nossa Era. O qual possibilita falar sobre a realidade de uma maneira que todos os povos dela constituintes se apresentem na perspectiva de sujeitos do processo educativo e de desenvolvimento da sociedade. Possibilitando um diálogo intercultural pluriperspectivista e não colonizador. Empresa já iniciada em 2007 pelo filósofo afro-brasileiro, Renato Noguera.

Em busca de empreender esse diálogo intercultural, passei a estabelecer contato com meus pares, alguns dos quais estudam outras áreas do conhecimento e a partir de outras bases culturais. Desses exercícios investigativos estabelecemos algumas propostas de investigação e de publicação das mesmas. Entre elas, a primeira é a linguagem.

A nossa linguagem comum tem como elemento as palavras, bases moleculares para a atividade filosófica, cujo princípio é demarcado pelo refinamento a partir do qual torna-se possível empreender investigações filosóficas e científicas. Um Exemplo notável pode ser constatado entre os povos de *Kmt*, (as primeiras evidências documentadas do refinamento linguístico humano com finalidade técnica e investigativa). Sendo a *Eloquência* uma das principais virtudes no horizonte de realização humana.

Disso, surgiu-nos a questão acerca da maneira pela qual podemos continuar utilizando o conceito de *humanidade* sem que ele esteja submetido ao sentido tradicional, mantido e difundido no Brasil e no mundo, tanto entre intelectuais quanto entre o senso comum, demarcado pelo florescimento do povo europeu e pela crença na sub-humanidade africana. Dito de outra forma, como reposicionar no quadro da imagem humana os seres racionais dos demais povos em seus diversos aspectos (culturais, filosóficos e científicos, por exemplo)? Como nos referimos à “humanidade” sem recorrer ao erro comum de excluir seres humanos da própria noção de humanidade— uma noção a partir da qual a língua desses povos seja entendida como possuidora de uma gramática e de uma base epistemológica fundadora?; uma como fazer isso sem excluir esses povos de uma noção segundo a qual sua cultura seja entendida como uma produção atemporal e relevante para seus descendentes, não importando a localização espacial, ou o contexto temporal nos quais eles se encontrem? Parece-nos razoável a contribuição dos filósofos Africanos Molefi Asante, George James e Théophile Obenga.

A resposta da Afrocentricidade, metodologia filosófica criada por Molefi Asante, não se baseia em qualquer noção de supremacia ou de valorização de uma perspectiva afrocentrada às custas da desvalorização da perspectiva de outros grupos. O que garante de antemão a ampla possibilidade do diálogo. A partir disso, centrado na minha experiência histórica de ser africano e, atuando como sujeito dessa experiência, apresento minhas primeiras inquietações e os pontos de partida de minha pesquisa.

Uma delas, a saber, diz respeito à imposição da supremacia de uma perspectiva europeia como universal e clássica; No tocante à divulgação dos trabalhos realizados, partindo de uma perspectiva multiculturalista e pluralista, terei como foco a apresentação de traduções e interpretações acerca do pensamento filosófico desenvolvido pelo povo africano de *Kmt*, produzido entre os anos 3000 e 330 a. E. C.

Pois bem, buscando uma noção de humanidade que ofereça como exemplo imagens e referências culturais além daquela muito bem conhecida do Homem Vitruviano, e considerando a comunicação como elemento chave dessa mudança de paradigma, a partir da qual as diversas noções culturais de humanidade coexistam de modo harmonioso, torna-se imprescindível a abertura de espaços para a apresentação e para a pesquisa dessas diversas produções.

Para o povo africano de maneira geral, e para o povo de *Kmt* de maneira específica, a comunicação está na base de sua concepção existencial. Ela, além de outras coisas, serve de fundamento para a existência e a manutenção da realidade, em seus mais diversos e complexos aspectos. Integrando na base de sua estrutura a linguagem. Como exemplo da força dessa concepção, tomemos os povos Yorubá (principais povos sequestrados para o Brasil) e o referido povo de *Kmt*, que tornaram imortais seus patrimônios culturais imateriais através da comunicação entre suas mais distantes gerações, sobreviventes de um inominável episódio da história humana.

Como pesquisadoras e pesquisadores em filosofia, desde o *Kmt*, há cinco mil anos, o nosso maior cuidado é com o uso e a escolha das palavras. O comprometimento africano em dizer o máximo possível “a palavra correta”, o *md ntr*, continua norteando nossas pesquisas e seus resultados serão, ao longo de seu desenvolvimento, apresentados em forma de trabalhos científicos nessa e demais revistas da comunidade acadêmica nacional e internacional.